



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A PELE COMO ESPAÇO DE INSCRIÇÃO DE MEMÓRIAS: AS MARCAS CUTÂNEAS E SEU PAPEL COMO ELEMENTO DE SIGNIFICAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Maria Esther Ventin de Oliveira Prates
(UESB)

Edvania Gomes da Silva
(UESB)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a contribuição e o papel que desempenham as marcas cutâneas, enquanto elementos de significação, para a constituição do sujeito. Para tanto, recorreremos aos textos de Foucault, Fonseca-Silva e Sant'Anna, a fim de analisarmos a participação das marcas na pele (cicatrices e dermatoses de curso crônico e prolongado, doenças congênitas) na constituição do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Cuidados de Si, Beleza.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado a uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, em nível de Doutorado, da UESB, cujo objetivo é analisar como as marcas na pele humana contribuem para a constituição do sujeito. Para tanto, analisamos entrevistas realizadas com portadores de dermatoses de curso crônico e prolongado, que se destacam por se apresentarem com extensas marcas cutâneas, localizadas em áreas corporais de difícil camuflagem. Buscamos, assim,

Professora do Curso de Medicina da UESB – Campus Vitória da Conquista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), turma 2012.1. E-mail: estherv@uol.com.br

- Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: edvania_g@yahoo.com.br



verificar quais discursos, acerca das impressões e relações com tais marcas, encontram-se materializados nas falas dos entrevistados. Aqui, discutimos alguns aspectos, com base em autores como Foucault, Fonseca-Silva e Sant'Anna, relacionados a seguinte temática: a pele como superfície de inscrição de memórias.

A pele, órgão presente na primeira linha de defesa do corpo humano, impõe-se como o primeiro obstáculo a ser transposto na luta empreendida nessa defesa, ao mesmo tempo em que atua na condução e percepção dos sentidos. Permeia o primeiro contato humano com o mundo que o recebe no momento do nascimento. Um tecido biológico multifuncional, cuja fisiologia em plena atividade direciona e conduz, na riqueza de sua complexidade, a beleza da sutil tessitura do existir, das vivências, da percepção, promovendo e possibilitando experiências multifacetadas, as quais incorporam significados para a constituição dos sujeitos.

Buscamos, neste trabalho sobre as marcas na pele e o seu papel na constituição do sujeito analisar de que maneira os escritos de fora inscrevem sentidos internos, e estes, por sua vez, embora cuidadosamente albergados nos recônditos da alma, no íntimo pessoal e secreto, protegidos e escondidos no porão, acintosamente gritam, se mostram e determinam quem somos e para onde vamos. Marcas que rememoram e anunciam uma dor, uma ferida, exibindo a memória do dissabor que, muitas vezes, nos acompanha.

A PELE NORMAL

O desconforto causado pela aparência de lesões cutâneas, das mais diversas origens, tais como cicatrizes e lesões dermatológicas resultantes de processos inflamatórios de curso crônico e prolongado, as quais impedem os portadores de exercerem atividades ao ar livre, como natação e outras práticas esportivas e de lazer, portanto próprias do convívio social, em virtude da vergonha de expor seus corpos afetados pela doença aos olhos do observador social, desperta desagradáveis



sentimentos comparáveis àqueles proporcionados por outros quadros intensamente dolorosos, conforme relato de alguns pacientes, durante a consulta dermatológica. Tais pacientes referem, ainda, que situações semelhantes ocorrem também nos ambientes de atividades laboral e escolar, claramente por eles percebidas, diante das reações espontâneas e, muitas vezes automáticas, de afastamento, que partem de seus colegas, perante as imaginadas possibilidades de contato físico entre eles.

Assim, os portadores de marcas cutâneas buscam, a todo instante e em quaisquer circunstâncias, diversas maneiras de esconder a sua real condição, numa tentativa de preservar-se dos olhares indiscretos, das perguntas inadequadas, dos comentários jocosos, dos apelidos desagradáveis e, muitas vezes, de cunho pejorativo, que partem dos indivíduos com os quais convivem nos grupos sociais a que pertencem. Estamos falando de situações nas quais, na maioria das vezes, não há manifestação de intensos sintomas dolorosos, nem pruriginosos, mas que, por suas próprias características possuem, de maneira cruel, forte apelo aos critérios pragmáticos evocados na memória coletiva social.

AS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE

Foucault nos apresenta o corpo como materialidade simbólica de significação, inserido num sistema de poder disciplinar que se apodera do corpo dos indivíduos, tornando-os dóceis e úteis. Nesse sentido, ainda segundo o referido autor:

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo (FOUCAULT, 2012, p. 22).



Nessa citação, como dito acima, Foucault nos apresenta o corpo como materialidade simbólica de significação, inserido num sistema de poder disciplinar que se apodera do corpo dos indivíduos, tornando-os dóceis e úteis. Para o autor, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2011, p. 132).

Tal poder tem por alicerce o princípio da disciplina, entendido por Foucault como um domínio de objetos, um conjunto de métodos e proposições, regras, considerados válidos para a construção de novos enunciados, os quais, dessa forma, exercem controle sobre a produção dos discursos, impondo-lhes limites demarcados pelas possibilidades de reatualização permanente das regras em vigor, no curso da experiência do devir humano nas diversas sociedades. Ainda segundo o referido autor:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (FOUCAULT, 2011, p. 133).

O paradoxo dos contrários: a marca que dói é a mesma que impulsiona e revigora um sujeito que traz, em sua existência, todo o seu arsenal de dúvidas e incertezas, de ânimo e força, de medo e de dor, numa composição de gestos e discursos que tecem uma existência. O corpo como instrumento hermenêutico na busca da compreensão da vida, do existir, do ser-e-estar no mundo. Em outras palavras, “a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2001, p. 133-134).

Nesse sentido, o cuidado com o corpo destaca-se como uma importante prática, dentre as práticas de si, por meio das quais os sujeitos se constituem como sujeito moral (FONSECA-SILVA, 2007, p. 204). Ao longo da história, Foucault (2009) nos mostra como



as práticas do cuidado de si se impuseram, em distintas épocas. Galeno considera que cabe à medicina, além dos cuidados com o corpo, também atentar aos cuidados da alma, uma vez que, para ele, *“os males do corpo e da alma podem comunicar-se entre si e intercambiar seus mal-estares”* (GALENO *apud.* FOUCAULT, 2009, p.61).

A prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio, não como um simples indivíduo imperfeito, ignorante e que tem necessidade de ser corrigido, formado e instruído, mas sim como indivíduo que sofre de certos males e que deve fazê-los cuidar, seja por si mesmo, ou por alguém que para isso tem competência (FOUCAULT, 2009, p. 62).

Assim, o corpo marcado demanda cuidados, pois que ameaça a alma, uma vez que *“nas doenças da alma o grave é que elas passam desapercibidas ou mesmo podem ser tomadas por virtudes (a cólera por coragem, a paixão amorosa por amizade, a inveja por emulação, a covardia por prudência)”* (FOUCAULT, 2009, p. 63). Esse mesmo autor nos mostra que, a partir do Renascimento, o culto à beleza passa a ser uma obrigação das mulheres de classe alta. A esse respeito, vejamos a seguinte citação:

Na segunda metade do século XX, instaura-se uma nova ordem de poder-saber sobre o corpo, espaço de inscrição de acontecimentos em que beleza e saúde estão associadas. Nessa ordem, a beleza deixa de ser um dom e passa a ser uma construção (FONSECA-SILVA, 2007, p.204).

Nesse sentido, os recursos da ciência e da tecnologia surgem atravessando os discursos da sociedade nas suas práticas de culto ao corpo, em busca dos ideais de beleza e de saúde, tão valorizados pelos discursos amplamente divulgados na/pela mídia.

Os progressos nos âmbitos cirúrgico e estético reforçaram a ideia de que, com eles, qualquer um pode se adaptar ao mundo contemporâneo, melhorar a relação consigo e com os outros e, ainda, escapar ao fracasso, ao abandono e à solidão (SANT'ANNA, 2014, P.175).



Nessa perspectiva, abre-se para o sujeito “marcado” a radiante possibilidade de remoção das “marcas”, aquelas “que doem tanto!”

A grande beleza dos corpos está agora ao alcance. Nesse século onde o conhecimento e a evolução tecnológica trouxeram a possibilidade de transformar aparências, ressalta SANT’ANNA (2014, p.189), o aspecto físico transformou-se na principal prova da subjetividade humana. Nessa perspectiva, “o corpo transformou-se em algo tão importante, complexo e sensível quanto outrora fora a alma” SANT’ANNA (2014, p.189).

A possibilidade do alcance da beleza construída se configura como um passaporte para a solução da insatisfação com o próprio corpo, a realização de um sonho de felicidade, a busca de um ideal de beleza que encontrava barreiras intransponíveis e agora passíveis de serem superadas, apesar das possibilidades de insucesso (devido aos riscos inerentes à aplicação das técnicas) e dos altos custos para o seu alcance, que impossibilitam o seu acesso a todos que o desejam. Dessa forma, paradoxalmente, essas técnicas de suposto embelezamento também se apresentam como agentes de frustração.

Misturado ao milenar sonho de rejuvenescer, o embelezamento virou uma prova de amor por si mesmo e pela vida – não somente um dever, mas um merecido prazer; não simplesmente um truque para ser amado, mas uma técnica para se sentir adequado, limpo e decente (SANT’ANNA, 2014, p. 16).

Verificamos, assim, que os recursos embelezadores se impõem na busca da felicidade, como um investimento no bem-estar próprio.

Apresentamos, a seguir, alguns exemplos de falas dos entrevistados que apresentam impressões conforme assinaladas nos autores com os quais aqui trabalhamos. Vejamos:

Na família do meu namorado, na época, né? Então eu tive uma rejeição muito grande, deles, porque ele ia namorar e ficar noivo de uma menina



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

que ia tomar remédio o resto da vida, que era uma menina marcada, não sei o que!

EU QUERIA QUE ELAS SAÍSSEM! EU DESEJO! Eu não posso negar isso, entendeu! Eu não queria ter, mas eu tenho! Mas não é porque eu tenho, que eu também tenho que me conformar e achar que isso não pode melhorar, que minha aparência não pode melhorar! Eu quero melhorar! Eu queria que elas, que elas de alguma forma fossem diminuídas, fossem amenizadas, mesmo que não fossem totalmente excluídas, né? Mas que elas fossem amenizadas, eu queria, sim!

Acima, apresentamos trechos de uma das entrevistas realizadas para a nossa pesquisa. Nela, a entrevistada, adulta jovem, portadora de uma dermatose crônica de curso prolongado, cujo início se deu na adolescência, expressa seu desejo de transformação. Vale salientar que a referida dermatose se caracteriza por apresentar, dentre outros sinais e sintomas, múltiplas lesões cicatriciais escurecidas e multiformes, nesse caso, distribuídas em toda a face da mesma. Embora ciente da impossibilidade de remoção total das marcas que tanto a incomodam, o desejo de amenizar uma condição que a faz sentir-se mal, é expresso de forma veemente, em sua fala. A jovem alimenta a esperança da possibilidade de submeter-se a intervenções faciais, ainda que de maneira parcial, que possam “melhorar” sua aparência e, conseqüentemente, sua vida. Nessa entrevista, verificamos, algo semelhante ao que aponta Sant’anna, quando afirma:

Com este (tratamento), espera-se ingressar numa vida com mais sucessos e menos penas, num cotidiano mais certo do que vulnerável, que balança menos do que a corda bamba das aparências consideradas frágeis, doentias e envelhecidas (SANT’ANNA, 2014, p. 171).

O aprimoramento das técnicas cirúrgicas e de intervenção médico-estética, a fantástica evolução do arsenal medicamentoso e tecnológico à disposição da medicina da beleza não trazem a certeza do sucesso de tais intervenções. Pois, embora sempre sejam adotadas medidas de cuidadosa aplicação das técnicas difundidas, dos rigores na aplicação dos protocolos de conduta, pelos profissionais médicos para tal finalidade

habilitados, conforme o caso, a possibilidade de insucesso existe e, por vezes, ocorre, de forma incontornável e desastrosa. Essas inesperadas situações vão de encontro ao discurso dos cirurgiões plásticos na atualidade, que “expressa uma íntima relação entre correção, reparação, cura e embelezamento” (SANT’ANNA, 2014, p. 168). No exemplo abaixo, apresentamos trechos de uma outra entrevista em que a entrevistada, apesar de referir insatisfação com o aspecto da cicatriz resultante da intervenção cirúrgica à qual foi submetida, ainda assim, prefere a sua condição atual às estrias, anteriores à cirurgia plástica:

Eu tinha estrias, tinha muitas estrias, devido a minha segunda gravidez /.../. Eu prefiro a cicatriz hoje, porque hoje eu visto uma roupa, me sinto melhor, eu coloco um biquini, como ela é bem baixa, não mostra, então, assim, pra mim o benefício de ter uma cicatriz grande, como essa que ficou, é maior do que ter as estrias, porque eram muitas.

Verificamos, nesse trecho de uma entrevista, que o problema, em si, não é a marca, afinal, há marcas mesmo após a cirurgia plástica. O problema está no efeito dessa marca para o outro, está em “mostrar” ou “não mostrar” quando a entrevistada “coloca um biquine”. Trata-se, portanto, não de um cuidado com o corpo, mas de uma espécie de controle da aparência.

CONCLUSÕES

Neste artigo, buscamos, por meio da análise de alguns trechos de entrevistas, realizadas com portadores de marcas na pele (cicatrizes e dermatoses de curso crônico e prolongado, doenças congênicas), que se destacam por se apresentarem com extensas marcas cutâneas, localizadas em áreas corporais de difícil camuflagem, verificar quais discursos, acerca das impressões e relações com tais marcas, encontram-se materializados nas falas dos entrevistados.



Os resultados mostram que o corpo carrega em si a densidade das memórias, das vivências experienciadas ao longo de uma existência. Entretanto, na contemporaneidade, a exagerada valoração da aparência física revela sonhos e temores, renega o interior, o íntimo, fazendo prevalecer tão somente o exterior, o exterior ao qual o outro tem acesso, o exterior que mostra ao outro apenas parte do que sou e que, como para ele é o apenas visto, representa o eu como um todo, machucado, dolorido, sofrido.

REFERÊNCIAS

- FONSECA-SILVA, M. da C. **Poder- Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade**. Vitória da Conquista/BA: Edições UESB, 2007.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. São Paulo-SP: Ed. Graal, 2009.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 39ª Ed. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2011.
- _____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Ditos e Escritos II: arqueologia das ciências e história dos distemas de pensamento**. Organização e seleção dos textos, Manoel Barros de Motta; tradução, Elisa Monteiro – 2. ed. . São Paulo/SP: Ed. Graal, 2012.
- MONTAGU, C. **Tocar: o significado do toque**. 2ª Ed.. São Paulo/SP: Livraria Martins Editora, 2008.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.